

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL ATRAVÉS DOS TEXTOS.

(Edições críticas e comentadas).

IV. — O “*Esmeraldo de situ orbis*” de Duarte Pacheco Pereira.

2. — A data.

JOAQUIM BARRADAS DE CARVALHO

Professor de História da Civilização Ibérica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Não há nenhum documento referente à biografia de Duarte Pacheco Pereira que nos possa ajudar a estabelecer a data, ou entre que datas, êle redigiu o seu *Esmeraldo de situ orbis*. Em consequência, somos levados a considerar muito atentamente o texto da sua obra, o texto do *Esmeraldo*. E na verdade, a êste respeito, existem alguns passos que nos são de extrema utilidade. Propomo-nos determinar duas datas-limite: aquela em que Pacheco começou a redação, e aquela em que êle abandonou inacabada a sua obra. No que diz respeito à primeira destas datas, aquela em que Pacheco teria começado a redação, vejamos os passos que nos podem dar as datas mais recuadas.

Lemos no Livro I, Capítulo 14, do *Esmeraldo*:

“E todos estes quatro lugares, s. Cepta, Alcáçre, Tânger, e Arzila, são destes reinos de Portugal e de sua Corôa Real, porque vai ora em noventa anos que Cepta foi tomada per força d’armas aos mouros por el-Rei Dom João o primeiro deste nome, da gloriosa memória, vosso bisavô; e os outros três per el-Rei Dom Afonso o quinto, vosso tio, de quorenta e sete anos pera cá; pelo mesmo modo também per força d’armas aos mouros os tomou...” (1).

(1). — Êste passo foi utilizado, na discussão dêste mesmo assunto, pelos seguintes autores: Gama Barros, *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV*, Lisboa, 1896, Tomo II, Nota 4, ps. 293-294; Epiphânio da Silva Dias, *Esmeraldo de situ orbis por Duarte Pacheco Pereira*, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1903-104, *Introdução*,

Neste passo, Duarte Pacheco Pereira declara, em primeiro lugar, que *vai ora em noventa anos que Cepta foi tomada per força d'armas aos mouros por el-Rei Dom João o primeiro deste nome*; em seguida, neste mesmo passo, refere-se às tomadas de Alcácer-Ceguer, de Tanger e de Arzila *per el-Rei Dom Afonso o quinto, vosso tio, de quorenta e sete anos pera cá*. Ora, nós sabemos que a conquista de Ceuta teve lugar em 21 de agôsto de 1415, e a de Alcácer-Ceguer, a mais recuada das três no tempo, em 19 de outubro de 1458, tal como o próprio Duarte Pacheco o afirma no Prólogo do Livro II do *Esmeraldo*. Se acrescentarmos a 1415, a data da tomada de Ceuta, os 90 anos passados, segundo Duarte Pacheco Pereira, obteremos a data 1505. Fazendo a mesma coisa para a tomada de Alcácer-Ceguer, isto é, acrescentando a 1458 os 47 anos de que se fala no texto, chegamos à mesma data: 1505. Somos assim levados à conclusão de que a data 1505 é a data de redação do Capítulo 14º do Livro I.

Um pouco mais adiante, no mesmo Livro I, Capítulo 16º, lemos:

“E vai ora em trinta e oito anos que o excelente Príncipe, Infante Dom Fernando, vosso padre, com grande frota e muito boa gente, em pessoa foi sobre esta cidade e per força de armas a entrou e destruiu e com muita vitória e honra se tornou para estes reinos; e esta queda recebeu Anifé, além d'outra assaz grande que já recebida tinha haverá ora cento e sessenta e cinco anos, que se perdeu quase toda a principal gente d'Anifé na batalha do Salado, a qual foi antre Gibraltar e Tarifa, onde chamam a Pena do Cervo, na qual foi o excelente Príncipe e magnânimo cavaleiro, el-Rei Dom Afonso o quarto destes Reinos de Portugal, vosso quarto avô, que

p. 181 (Esta edição foi publicada em livro, em 1905); Luciano Pereira da Silva, *Duarte Pacheco Pereira — precursor de Cabral, in História da Colonização Portuguesa do Brasil*, Pôrto, 1921, Vol. I, p. 249 (Este estudo está também publicado nas *Obras Completas de Luciano Pereira da Silva*, Lisboa, 1945, Vol. II); Robert Ricard, *La Côte Atlantique du Maroc au début du XVIIe. siècle d'après des instructions nautiques portugaises*, in *Hespéris*, Paris, 1927, 2e. Trimestre, p. 229. Já em 1923 Robert Ricard admitia a data de 1505 como sendo aquela em que Pacheco teria iniciado a redação do *Esmeraldo*. Ver o seu estudo: *Le problème de la découverte du Brésil*, in *Bulletin Hispanique*, Janvier-Mars 1923, p. 66. Um autor existe, Inocêncio Francisco da Silva que no seu *Dicionário Bibliográfico Português*, Lisboa, s/d., p. 213, dá a data de 1505 como sendo a da redação do *Esmeraldo*, mas sem justificar a sua afirmação. Esta afirmação de Inocêncio Francisco da Silva foi seguida por João de Andrade Corvo (*Roteiro de Lisboa a Goa por D. João de Castro anotado por ...*, Lisboa, 1882, Nota 4, ps. 14-15) e Jules Mees (*Les manuscrits de la "Crónica do descobrimento e conquista de Guiné" par Gomes Eanes de Azurara et les sources de João de Barros*, in *Revista Portuguesa Colonial e Marítima*, nº 49, 5e. année, 9e. Vol., le 20 Octobre 1901, p. 55). — Todos os passos citados do *Esmeraldo* proveem do texto crítico da nossa obra, no prelo: *Esmeraldo de situ orbis de Duarte Pacheco Pereira (Edition critique et commentée)*.

jaz sepultado na Sé de Lisboa, o qual foi em ajuda del-Rei Dom Afonso o onzeno de Castela, seu genro,... (2).

O mesmo problema se põe no que diz respeito a êste passo. Duarte Pacheco Pereira fala-nos, em primeiro lugar, dos acontecimentos de Anifé que — sabêmo-lo —, se desenrolaram em 1467, data que somada com 38 nos dá de nôvo 1505. A outra referência que encontramos neste passo diz respeito à batalha de Salado que teve lugar em 30 de outubro de 1340. Ora esta data, somada aos 165 anos que passaram depois da batalha, leva-nos ainda ao ano de 1505.

Se continuarmos à procura de referências que nos possam dar esclarecimentos a êste respeito, encontramos, ainda no Livro I, Capítulo 19º, o seguinte passo:

“E no ano de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e quinhentos e seis anos mandou Vossa Alteza edeficar na terra firme desta vila do Mogador, junto com o mar, um castelo que se chama Castelo Real, do qual foi capitão e per vosso mandado edeficador D'ogo d'Azambuja, cavaleiro de vossa casa e comendador da O.d.m de São Bento da Comenda d'Alter Pedroso;... (3).

Êste passo transporta-nos a uma data posterior a 1505, e mesmo a 1506. Êste passo, e conseqüentemente, muito provàvelmente, todo o Capítulo 19º do Livro I, devem ter sido redigidos em data já posterior a 1506. Assim, segundo os passos citados, que nos dão as datas mais recuadas no que diz respeito à redação do *Esmeraldo*, somos levados a admitir que Duarte Pacheco começou a redigir a sua obra em 1505, data em que escreveu não sòmente os Capítulos 14º e 16º do Livro I, mas também, muito provàvelmente, tôda a parte que an-

(2). — Êste passo foi utilizado, na discussão dêste mesmo assunto, pelos seguintes autores: Gama Barros, *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV*, Lisboa, 1896, Tomo II, Nota 4, ps. 293-294; Luciano Pereira da Silva, *Duarte Pacheco Pereira — precursor de Cabral*, in *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, Pôrto, 1921, Vol. I, p. 249. Êste mesmo estudo foi publicado, mais tarde, nas *Obras Completas de Luciano Pereira da Silva*, Lisboa, 1945, Vol. II.

(3). — Êste passo foi utilizado, na discussão dêste mesmo assunto, pelos seguintes autores: Gama Barros, *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV*, Lisboa, 1896, Tomo II, Nota 4, ps. 293-294; Epiphânio da Silva Dias, *Esmeraldo de situ orbis por Duarte Pacheco Pereira*, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1903-1904, *Introdução*, p. 181 (Esta edição do *Esmeraldo* foi publicada em volume em 1905); Luciano Pereira da Silva, *Duarte Pacheco Pereira — precursor de Cabral*, in *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, Pôrto, 1921, Vol. I, p. 249 (Êste mesmo estudo foi publicado mais tarde nas *Obras Completas de Luciano Pereira da Silva*, Lisboa, 1945, Vol. II). Robert Ricard no seu estudo *La Côte Atlantique du Maroc au début du XVIe. siècle d'après des instructions nautiques portugaises*, in *Hespéris*, Paris, 1927-2e. Trimestre, p. 299, sustenta que o Capítulo 17º do Livro I foi escrito antes de 1508, mas sem nos dar as razões desta afirmação.

tecede êstes Capítulos. Podemos admitir, com grande probabilidade de acertar, que Duarte Pacheco teria começado a redação da sua obra no verão de 1505, após o seu regresso da Índia, viagem que conhecemos bem a partir de dados seguros da sua biografia. Duarte Pacheco Pereira partiu para a Índia na armada de Afonso de Albuquerque, em 6 de abril de 1503, e regressa da Índia na armada de Lopo Soares de Alvarenga que chega a Lisboa no mês de junho ou no mês de julho de 1505. Ora, se nos lembrarmos da vida agitada de Duarte Pacheco no Oriente, tal como a conhecemos por intermédio dos cronistas portugueses do século XVI, parece-nos difícil admitir que êle tenha podido começar ali a redação dos primeiros 13 Capítulos do Livro I. Tal como os Capítulos 14º e 16º do Livro I — e certamente do Capítulo 15º dêste mesmo Livro —, os 13 primeiros Capítulos e o Prólogo Geral devem ter sido escritos depois do seu regresso a Lisboa no mês de junho ou julho de 1505, chegada a que o rei D. Manuel presta tôdas as atenções. Assim, parece-nos bem verossímil a hipótese de que êle tenha começado a redação da sua obra nessa ocasião, seja que êle mesmo a tenha sugerido ao rei, ou que êste lha tenha pedido. No Prólogo Geral, logo no começo, fica bem patente que o livro é dedicado ao rei, D. Manuel:

“Princípio do *Esmeraldo de situ orbis*, feito e composto por Duarte Pacheco, cavaleiro da Casa del-Rei Dom João o segundo de Portugal, que Deos tem, deregido ao muito alto, poderoso Principe e sereníssimo Senhor, o Senhor Rei Dom Manuel nosso Senhor, o primeiro deste nome que reinou em Portugal”.

Mais adiante, neste mesmo Prólogo, Duarte Pacheco Pereira é ainda mais explícito quando escreve:

“... e porque Vossa Alteza me disse que se queria nisto fiar de mim, portanto preparei fazer um livro de cosmografia e marinharia, cujo prólogo é este que aqui é escrito...”.

Uma primeira conclusão impõe-se: o texto do *Esmeraldo*, até ao Capítulo 16º do Livro I inclusivamente, deve ter sido escrito em 1505, nos meses que vão de agosto até ao fim do ano. Os Capítulos 17º e 18º dêste mesmo Livro I não nos fonecem nenhuma indicação com interêsse para o assunto. Ou êles foram escritos com os precedentes, até ao final do ano de 1505, ou foram escritos em 1506, ou ainda, depois de 1506, como é o caso do Capítulo 19º que indubitavelmente foi escrito após esta data.

Vejamos agora a segunda data-limite, aquela em que Duarte Pacheco Pereira teria interrompido a redação da sua obra. À primeira vista, tendo em conta todo o texto do *Esmeraldo*, chegamos à conclusão que Duarte Pacheco suspendeu a redação antes da morte do rei D. Manuel, morte que teve lugar em 13 de dezembro de 1521. O *Esmeraldo de situ orbis* é-lhe dedicado, como vimos nas primeiras linhas do Prólogo Geral (4). Por outro lado, pode concluir-se com base no texto do *Esmeraldo* que Duarte Pacheco Pereira redigiu a sua obra em vida do rei D. Manuel. As últimas linhas do manuscrito dão-nos disso uma prova incontestável. Certificuemo-nos lendo o começo do Capítulo 6º do Livro IV, começo do Capítulo 6º do Livro IV em que Duarte Pacheco Pereira interrompe súbitamente a sua obra:

“Novo trabalho se nos oferece, havermos de escrever o que novamente mandou descobrir o sereníssimo Príncipe, el-Rei Dom Manuel, nosso Senhor, do rio do Infante em diante, toda a Etiópia sob-Egipto e a Felice Arábia com a Pérsia, e a multidão das cousas dos opulentíssimos reinos da India, com as vitórias neles havidas; e assi seguiremos nosso prepósito nesta tão trabalhosa jornada, da qual a experiência nos ensinou a verdade de tudo o que adiante dissermos. Item. Jaz o rio do Infante” (5).

Tal como no começo da obra, de que já reproduzimos as primeiras linhas do Prólogo Geral, em que Duarte Pacheco faz alusão ao rei D. Manuel nos termos *o Senhor Rei Dom Manuel nosso Senhor*,

(4). — Na discussão d'êste mesmo assunto, Gama Barros (*História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV*, Lisboa, 1896, Tomo II, Nota 4, ps. 293-294) lembra êste passo.

(5). — Êste passo já foi utilizado, na discussão d'êste mesmo assunto, pelos seguintes autores: Epiphânio da Silva Dias, *Esmeraldo de situ orbis por Duarte Pacheco Pereira*, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1903-1904, Introdução, p. 181 (Esta mesma obra foi publicada em volume, em 1905); Luciano Pereira da Silva, *Duarte Pacheco Pereira — precursor de Cabral*, in *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, Pôrto, 1921, Vol. I, p. 249 (Este mesmo estudo foi publicado mais tarde nas *Obras Completas de Luciano Pereira da Silva*, Lisboa, 1945, Vol. II). — Gama Barros (*História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV*, Lisboa, 1896, Tomo II, Nota 4, ps. 293-294), Epiphânio da Silva Dias (*Esmeraldo de situ orbis por Duarte Pacheco Pereira*, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1903-1904, Introdução, p. 181. Esta mesma edição do *Esmeraldo* foi publicada em volume, em 1905), Luciano Pereira da Silva (*Duarte Pacheco Pereira — precursor de Cabral*, in *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, Pôrto, 1921, Vol. I, p. 249. Este mesmo trabalho foi publicado mais tarde nas *Obras Completas de Luciano Pereira da Silva*, Lisboa, 1945, Vol. II), e Robert Ricard (*Le problème de la découverte du Brésil*, in *Bulletin Hispanique*, Janvier-Mars 1923, p. 66, e *La Côte Atlantique du Maroc au début du XVIIe. siècle d'après des instructions nautiques portugaises*, in *Hespéris*, Paris, 1927-2e. Trimestre, p. 229) estão de acôrdo em admitir que Duarte Pacheco Pereira escreveu a sua obra em vida do rei D. Manuel, e consequentemente admitem as datas 1505-1520 ou 1505-1521.

também nas últimas linhas da sua obra inacabada, repete a fórmula *sereníssimo Príncipe, el-Rei Dom Manuel, nosso Senhor*. Este *nosso Senhor* é indiscutivelmente a indicação de que o rei D. Manuel pertencia ainda ao mundo dos vivos. Através de todo o texto do *Esmeraldo* é visível que a fórmula *nosso Senhor* não se aplica senão a êste monarca (6), e nunca aos soberanos já falecidos (7).

Tendo em conta êstes argumentos e êstes textos, seríamos levados a estabelecer uma data-limite: 1520 ou 1521. A redação da obra não poderia situar-se após estas datas, sabendo nós que ela foi escrita em vida de D. Manuel, e sabendo também que êste faleceu em 13 de dezembro de 1521. Entretanto, também podemos admitir a hipótese de que Duarte Pacheco Pereira interrompeu a redação em data anterior a 1520 ou 1521. Dois passos do Capítulo 3º do Livro IV (8) (lembramo nos que Pacheco interrompeu súbitamente a sua exposição no começo do Capítulo 6º dêste mesmo Livro IV) con-

- (6). — A título de exemplo, entre muitos outros, podemos citar os seguintes passos que pertencem todos aos últimos capítulos do texto do *Esmeraldo*:
 - “Princípio do quarto livro do *Esmeraldo de situ orbis*, do que descobrio o sereníssimo Príncipe el-Rei Dom Manuel, nosso Senhor, o primeiro deste nome que reinou em Portugal” (Livro IV, Prólogo).
 - “Do quarto livro do *Esmeraldo de situ orbis*, das quatro naos que el-Rei, Nosso Senhor, mandou descobrir à Índia” (Livro IV, Cap. 2).
 - “Do quarto livro do *Esmeraldo de situ orbis*, das armadas que el-Rei, Nosso Senhor, cada ano manda fazer pera a Índia, depois que foi descoberta” (Livro IV, Cap. 3).
 - “Do quarto livro do *Esmeraldo de situ orbis*, do que descobrio el-Rei, nosso Senhor, do rio do Infante em diante” (Livro IV, Cap. 6).
- (7). — A título de exemplo, entre muitos outros, podemos citar um passo do Prólogo Geral: “... preparei fazer um livro de cosmografia e marinbaria, cujo prólogo é este que aqui é escrito, o qual livro será partido em cinco livros, e no primeiro se dirá do que descobrio o virtuoso Infante Dom Henrique, e no segundo do que mandou descobrir o excelente rei Dom Afonso, e no terceiro do que isso mesmo fez descobrir o sereníssimo rei Dom João, que faz fim no ilhéu da Cruz, como já disse; o quarto e o quinto, em que pendem vossos gloriosos feitos, que são mais em quantidade e maiores em qualidade que os de tôdolos outros príncipes” (Inútil será lembrar que este último é D. Manuel).
- (8). — Estes dois passos foram pela primeira vez postos em destaque por Jaime Cortesão (*Influência dos Descobrimentos dos Portugueses na História da Civilização*, in *História de Portugal* dirigida por Damilão Peres, Barcelos, 1937, Vol. IV, p. 228), que, admitindo como indiscutível a data inicial, 1505, propôs como data final 1508, em lugar de 1520 ou 1521. A nossa discussão, tendo em conta êstes passos do texto de Duarte Pacheco, não tem outro objectivo que não seja precisar e desenvolver os raciocínios de Jaime Cortesão. — Numerosos autores e obras, referindo-se ao *Esmeraldo*, lhe atribuem uma data: Joaquim Heilodoro da Cunha Rivara, *Duarte Pacheco*, in *O Panorama*, nº 192, Vol. 5, 1841 (Indica sómente uma data, 1505); Aubrey Bell, *A Literatura Portuguesa (História e Crítica)* (Tradução do inglês por Agostinho de Campos e J. G. de Barros e Cuuha), Coimbra, 1931, p. 300 (Indica com dúvida: “1505-6?”); Armando Cortesão, *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI (Contribuição para um estudo completo)*, Lisboa, 1935, Vol. II, p. 106 (Cita Gama Barros — 1505-1520 —, e Luciano Pereira da Silva — 1505-1521 —, mas aceita as datas de Jaime Cortesão: 1505-1508); George H. T. Kimble,

têm elementos suscetíveis de nos fazer chegar à determinação da segunda data-limite da redação do *Esmeraldo*.

O primeiro destes passos faz alusão às frotas que D. Manuel enviava à Índia:

“Sua Alteza manda fazer pera ela (India) grandes armadas de vinte e cinco e trinta naos grossas, e às vezes mais e menos, segundo a ordem do tempo e necessidade dele o requer; as quais são enviadas com muita gente e tão bem aparelhadas como as primeiras, e muito melhor, com que conquistou e cada dia conquista os Índicos mares e Asiáticas ribeiras...” (9).

O segundo passo diz respeito às fortalezas fundadas na Índia por ordem de D. Manuel:

Esmeraldo de situ orbis by Duarte Pacheco Pereira, London, 1937, Introduction, ps. XVI-XVII (Cita Gama Barros — 1505-1520 —, Epiphânio da Silva Dias — 1505-1520 —, Luciano Pereira da Silva — 1505-1521 —, mas prefere as datas propostas por Jaime Cortesão: 1505-1508); Alvaro Júlio da Costa Pimpão, A “Crónica dos feitos de Guiné” de Gomes Eanes de Zurara e o manuscrito Cortez-d’Estrées, Lisboa, 1939, p. 25 (Indica apenas a data do início da redação: 1505); Vieira de Almeida, *Decadência do Império Português no Oriente*, in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, Lisboa, 1939, Vol. II, p. 300 (Dá apenas a data do início da redação: 1505); Duarte Leite, *Acerca da “Crónica dos feitos de Guiné”*, Lisboa, 1941, p. 71 (Admite as datas 1505-1508, mas admite que poderíamos substituir 1505 por uma data mais recuada: por exemplo, 1502); Duarte Leite, *Cosias de Várias História*, Lisboa, 1941, p. 90 (Dá apenas 1505, a data inicial da redação); Damião Peres, *História dos Descobrimientos Portugueses*, Porto, 1943, p. 361 (Dá somente a data inicial: 1505); Damião Peres, *Os mais antigos roteiros da Guiné*, Lisboa, 1952, *Nota Explicativa*, ps. XV-XVI (Retoma sem mais, a data 1505, como a data do começo da redação do *Esmeraldo*); Damião Peres, *Anotações Históricas* da edição do *Esmeraldo de situ orbis* por Duarte Pacheco Pereira da Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1954-1955, ps. 213-214 (Cita os argumentos e as datas propostas por Raphael Eduardo de Azevedo Basto — 1505 —, Gama Barros — 1505-1520 —, Luciano Pereira da Silva — 1505-1521 —, mas prefere as datas propostas por Jaime Cortesão: 1505-1508); Oscar Lopes e Júlio Martins, *Breve História da Literatura Portuguesa*, Lisboa, 1945, p. 144 (Só a data inicial da redação e assim mesmo sob a forma interrogativa: “1505?”); Vitorino Magalhães Godinho, *História Económica e Social da Expansão Portuguesa*, Tomo Primeiro, Lisboa, 1947 (Na Bibliografia indica a data 1505-1520); Vitorino Magalhães Godinho, *Fontes Quatrocentistas para a Geografia e Economia do Sahara e Guiné*, in *Revista de História*, São Paulo, n.º 13, janeiro-março de 1953, p. 65 (Indica as datas propostas por Jaime Cortesão: 1505-1508); Artur Moreira de Sá, *Contribuição Portuguesa para o Conhecimento Científico (Séculos XIII a XVII)*, Santiago de Compostela, 1950, p. 10 (Cita Gama Barros — 1505-1520 —, e Epiphânio da Silva Dias — 1505-1520 —, e admite as datas 1505 e 1520 ou 1521); Antônio José Saraiva, *História da Cultura em Portugal*, Lisboa, 1953, Vol. II, p. 431 (No Capítulo em colaboração com Luís de Albuquerque, vemos indicadas as datas 1505-1508).

(9). — Passo citado por Jaime Cortesão (*Influência dos Descobrimientos dos Portugueses na História da Civilização*, in *História de Portugal* dirigida por Damião Peres, Barcelos, 1937, Vol. IV, p. 228) a propósito deste mesmo assunto.

“... e não tão somente tem isto feito, mas ainda, per novo edificação, mandou lá fundar cinco fortalezas, com suas sagradas casas de oração, onde se cada dia celebra o Santo Sacramento do Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo;...” (10).

Segundo o primeiro destes passos, Duarte Pacheco Pereira afirma que nesse momento D. Manuel mandava à Índia frotas de 25 e 30 grandes navios, às vezes mais, outras menos, segundo as circunstâncias. Estabelece uma comparação entre estas frotas e as primeiras, para nos dizer que estas estavam tão bem ou melhor equipadas do que as outras. Assim, podemos deduzir destas últimas palavras que as frotas em questão não eram as primeiras. Para sabermos quais poderiam ser as de 25 ou 30 navios, às vezes mais, às vezes menos, tentámos estabelecer um quadro estatístico com o número de navios que compuzeram as frotas que partiram para a Índia no reinado de D. Manuel. Com êste objetivo, servimo-nos de algumas fontes diretas, e também, sobretudo, dos elementos que nos fornecem os cronistas do século XVI, e ainda do *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa:

	<i>Número de navios</i>
— 1497: Primeira viagem de Vasco da Gama à Índia (partida de Lisboa em 8 de julho)	4 (11)
— 1500: Viagem à Índia de Pedro Álvares Cabral, na qual êste fez o descobrimento oficial do Brasil (partida de Lisboa em 9 de março)	13 (12)

(10). — *Ibidem*.

(11). — Álvaro Velho, *Diário da primeira viagem de Vasco da Gama à Índia*, Pôrto, s. d., ed. de Antônio Baião e A. de Magalhães Basto, com uma introdução por Damião Peres, p. 1.

— Fernão Lopes de Castanheda, *História dos Descobrimentos e Conquista da Índia pelos Portuguezes*, 3a. ed., por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, L. I, Cap. 2.

— João de Barros, *Asia (Primeira Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, Lisboa, 1945, L. IV, Cap. 1.

— Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, ed. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Vasco da Gama, anno de 1497*, Caps. V-VI.

— Damião de Gois, *Crônica do Felicíssimo Rei Dom Manuel*, Coimbra 1955, 1a. Parte, Caps. 33, 35.

— *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa.

(12). — *A Carta de Pero Vaz de Caminha* por Jalme Cortesão, Rio de Janeiro, 1943 (O texto da “Carta” não dá o número de navios que participaram na viagem).

— *Navigation del capitano Pedro Alvares scritta per un piloto portoghese & tradotta de lingua Portoghese in la Italiana*, in *Primo Volume delle navigationi et viaggi...* de Giovambattista Ramusio, Veneza, 1550. Pode ver-se este texto na tradução portuguesa: *Collecção de noticias para a história e geografia das nações ultramarinas...* publicada pela Academia Real das Ciências, Lisboa, 1812, Tomo II (Há uma 2a. ed. do Tomo II,

- 1501: Viagem à Índia de João da Nova (partida de Lisboa em 5 de março) . 4 (13)
- 1502: Segunda viagem de Vasco da Gama à Índia (partida de Lisboa em 10 de fevereiro de 15 navios sob o comando de Vasco da Gama, e de mais 5 sob o comando de Estêvão da Gama em 1 de abril) 20 (14)
- 1503: Viagem à Índia de Afonso de Albuquerque, Francisco de Albuquerque,

-
- de 1867). Ver as edições deste texto, in: Miyoko Makino, *O Descobrimento do Brasil através dos textos (Edições críticas e comentadas)*. II. — A "Relação do Piloto Anônimo". 2. Edições, Revista de História, São Paulo, nº 69, janeiro-março de 1967.
- Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, 3a. ed. por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, L. I, Cap. 30.
 - João de Barros, *Ásia (Primeira Década)*, 6a. ed. por Hernâni Cidade, Lisboa, 1945, L. V, Cap. 1.
 - Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, ed. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Armada de Pedralvares Cabral no ano de 500*, Cap. 1.
 - Damião de Góis, *Crónica do Felicíssimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, 1a. Parte, Cap. 54.
 - *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa.
 - (13). — Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, 3a. ed. por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, L. I, Cap. 43.
 - João de Barros, *Ásia (Primeira Década)*, 6a. ed. por Hernâni Cidade, Lisboa, 1945, L. V, Cap. 10.
 - Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, ed. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Armada de Joam da Noua que à Índia passou o ano de 1501*, Cap. I.
 - Damião de Góis, *Crónica do Felicíssimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, 1a. Parte, Cap. 63.
 - *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa.
 - (14). — Tomé Lopes, *Navigation verso le Indie Orientali scritta per Thome Lopez, scrivano de una nave Portogghesa, tradota in lingua toscana...*, in *Primo volume delle navigationi et viaggi...* de Giovambattista Ramusio, Venezia, 1550. Faz alusão na f. 143 aos cinco navios que partiram de Lisboa em 1 de abril sob o comando de Estêvão da Gama. Tomé Lopes era escrivão de bordo na frota de Estêvão da Gama, e é essa a razão porque não dá conta senão dos navios sob o comando deste. Pode ver-se o texto de Tomé Lopes na tradução portuguesa: *Collecção de notícias para a história e geografia das nações ultramarinas...* publicadas pela Academia Real das Ciências, Lisboa, 1812, Tomo II (Existe uma 2a. ed. do Tomo II, de 1867).
 - Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, 3a. ed. por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, L. I, Cap. 44.
 - João de Barros, *Ásia (Primeira Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, Lisboa, 1945, L. VI, Caps. 1-2.
 - Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, ed. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Armada de Dom Vasco da Gama com que partio pera a Índia, anno de 502*, Cap. II.
 - Damião de Góis, *Crónica do Felicíssimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, 1a. Parte, Cap. 68.
 - *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa.

- e Antônio Saldanha (partida de Lisboa de Afonso de Albuquerque em 6 de abril, de Francisco de Albuquerque em 14 de abril, e de Antônio Saldanha pouco depois) 9 (15)
- 1504: Viagem à Índia de Lopo Soares de Alvarenga (partida de Lisboa em 22 de abril) 12 ou 13 (16)
- 1505: Viagem à Índia de Francisco de Almeida e Pero da Naia (partida de Lisboa de Francisco de Almeida em 25 de março, e de Pero da Naia em 18 de maio) 26 ou 28 ou 31 (17)
-
- (15). — Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portuguezes*, 3a. ed., por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, L. I, Cap. 55, e L. II, Cap. 10.
- João de Barros, *Asia (Primeira Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, Lisboa, 1945, L. VII, Caps. 2, 4.
- Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, éd. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Armada dos Alboquerque, que passarão à Índia, o anno de 503*, Cap. I.
- Damião de Góis, *Crônica do Felicissimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, 1a. Parte, Caps. 65, 77.
- *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa.
- (16). — Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portuguezes*, 3a. ed., por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, L. I, Cap. 90 (O único que dá 12 navios em vez de 13).
- João de Barros, *Asia (Primeira Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, Lisboa, 1954, L. VII, Cap. 9.
- Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, éd. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Armada de Lopo Soares que passou à Índia o ano de 1504*, Cap. I.
- Damião de Góis, *Crônica do Felicissimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, 1a. Parte, Caps. 76, 96.
- *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa.
- (17). — Hans Mayr (?), *Do viage de Dõ Francisco dAlmeyda Primeyro Viso Rey de India e este quaderno foy trelladado da nao Sã Raffael e q hia Hans Mayr por scriuã da feytoria e capitã Fernã Suarez, in O Manuscrito Valentim Fernandes*, ed. da Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1940. Lemos no começo deste texto: "Anno 1505 a dias 25 de março de Anuçiaçã de Nossa Senhora em terça feyra partio Dõ Frãcisco dAlmeyda capitã de 20 velas a saber 14 naos e 6 carauellas...".
- Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portuguezes*, 3a. ed., por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, L. II, Cap. 1 (Fala de 20 navios, e mais 6 que partiram com Pero da Naia).
- João de Barros, *Asia (Primeira Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, Lisboa, 1945, L. VIII, Cap. 3 (Fala de 22 navios, e mais 6 que partiram com Pero da Naia).
- Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, éd. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Armada de Dom Francisco d'Almeida, Viso-rey, o primetro governador que à Índia passou anno 1505*, Cap. I (Fala de 20 navios).
- Damião de Góis, *Crônica do Felicissimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, 2a. Parte, Cap. 1 (Fala de 22 navios).
- *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa (O autor deste manuscrito dá 23 navios para a frota de Francisco de Almeida, mais 8 para a de Pero da Naia).

- 1506: Viagem à Índia de Tristão da Cunha (partida de Lisboa em 6 de março segundo João de Barros, e em 6 de abril segundo Damião de Gois) 10 ou 14 ou 16 (18)
- 1507: Viagem à Índia de Jorge de Melo Pereira, Filipe de Castro, e Vasco Gomes de Abreu (partida de Lisboa no mês de abril) 14 (19)
- 1508: Viagem à Índia de Diogo Lopes de Sequeira e Jorge de Aguiar (partida de Lisboa de Diogo Lopes de Sequeira em 5 de abril, e de Jorge de Aguiar em 9 de abril) 12 ou 13 ou 16 ou 17 (20)

-
- (18). — Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portuguezes*, 3a. ed., por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, L. II, Cap. 30 (Fala de 10 navios).
 - João de Barros *Asia (Segunda Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, Lisboa, 1945, L. I, Cap. 1 (Fala de 14 navios).
 - Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, éd. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Armada de Tristão da Cunha que do reyno partio o anno 1506*, Cap. I (Fala de 14 navios).
 - Damião de Gois, *Crônica do Felicissimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, 2a. Parte, Cap. 21 (Fala de 16 navios).
 - *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa (Este manuscrito dá 16 navios).
 - (19). — Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portuguezes*, 3a. ed., por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, L. II, Cap. 44.
 - João de Barros *Asia (Segunda Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, Lisboa, 1954, L. I, Cap. 6.
 - Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, éd. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Armada que do reyno partio sem capitão mór anno de 507*, Cap. I.
 - Damião de Gois, *Crônica do Felicissimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, 2a. Parte, Cap. 14.
 - *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa (O autor do manuscrito dá 7 navios para a frota dos dois primeiros, mais 7 para a de Vasco Gomes de Abreu).
 - (20). — Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portuguezes*, 3a. ed., por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, L. II, Cap. 91 (Fala de 13 navios).
 - João de Barros *Asia (Segunda Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, Lisboa, 1945, L. III, Cap. 1 (Fala de 17 navios).
 - Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, éd. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Armada de Jorge d'Aguiar que partio do reyno ano de 508*, Cap. I (Fala de 12 navios).
 - Damião de Gois, *Crônica do Felicissimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, 2a. Parte, Cap. 20 (Fala de 16 navios).
 - *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa (O autor do manuscrito dá 17 navios).

- | | | | |
|---------|--|----|------|
| — 1509: | Viagem à Índia de Fernando Coutinho (partida de Lisboa em 12 de março) | 15 | (21) |
| — 1510: | Viagem à Índia de Diogo Mendes de Vasconcelos, de Gonçalo de Sequeira, e de João Serrão (partida de Lisboa, do primeiro em 7 ou 12 de março — segundo Damião de Gois ou segundo João de Barros —, do segundo em 16 de março, e do terceiro em 8 de agosto) | 14 | (22) |
| — 1511: | Viagem à Índia de Garcia de Noronha (partida de Lisboa em 19 de abril) | 6 | (23) |
| — 1512: | Viagem à Índia de Jorge de Melo Pereira e Garcia de Sousa (partida de Lisboa no mês de março) | 12 | (24) |
| — 1513: | Viagem à Índia de João de Sousa de | | |
- (21). — Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, 3a. ed., por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, L. II, Cap. 121 (Castanheda escreve Francisco Coutinho por Fernando Coutinho, e situa a data da partida de Lisboa em 20 de março em vez de 12 de março).
- João de Barros *Asia (Segunda Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, Lisboa, 1945, L. III, Cap. 9.
- Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, éd. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858 (Parece-nos que Gaspar Correia não faz menção desta viagem).
- Damião de Gois, *Crônica do Felicíssimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, 2a. Parte, Cap. 40.
- *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa.
- (22). — Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, 3a. ed., por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, (Parece-nos que Castanheda não menciona estas viagens).
- João de Barros *Asia (Segunda Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, Lisboa, 1945, Vol. V, Cap. 8.
- Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, éd. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Armada de Gonçalo de Sequeira, anno de 1510*, Cap. XVIII.
- Damião de Gois, *Crônica do Felicíssimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, 3a. Parte, Cap. 10.
- *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa (O autor deste manuscrito menciona 4 navios de Diogo Mendes de Vasconcelos, 7 de Gonçalo de Sequeira, e 3 de João Serrão).
- (23). — Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, 3a. ed., por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, (Parece-nos que Castanheda não menciona esta viagem).
- João de Barros *Asia (Segunda Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, Lisboa, 1945, L. VII, Cap. 2.
- Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, éd. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Armada de Dom Gracia de Noronha, anno de 1511*, Cap. XXV.
- Damião de Gois, *Crônica do Felicíssimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, 3a. Parte, Cap. 22.
- *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa.
- (24). — Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, 3a. ed., por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, L. III, Cap. 88.

- Lima (Não sabemos a data da partida de Lisboa) 3 (25)
- 1514: Viagem à Índia de Cristovão ou Jorge de Brito (partida de Lisboa no mês de setembro) 5 (26)
- 1515: Viagem à Índia de Lopo Soares de Albergaria ou Lopo Soares de Alvarenga (partida de Lisboa em 7 de abril) 12 ou 15 (27)
-
- João de Barros *Asia (Segunda Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, Lisboa, 1945 (Não encontramos referência a esta viagem no texto de João de Barros).
- Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, éd. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858 (Não encontramos referência a esta viagem no texto de Gaspar Correia).
- Damião de Góis, *Crônica do Felicissimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, (Não encontramos referência a esta viagem no texto de Damião de Góis).
- *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa.
- (25) . — Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, 3a. ed., por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, (Não encontramos referência a esta viagem no texto de Castanheda).
- João de Barros *Asia (Segunda Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, Lisboa, 1945 (Não encontramos referência a esta viagem no texto de João de Barros).
- Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, éd. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Armada de João de Sousa de Lima, anno de 1513*, Cap. XLIV.
- Damião de Góis, *Crônica do Felicissimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, (Não encontramos referência a esta viagem no texto de Damião de Góis).
- *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa.
- (26) . — Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, 3a. ed., por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, L. III, Cap. 136 (Castanheda escreve Cristovão de Brito).
- João de Barros *Asia (Segunda Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, Lisboa, 1945, L. X, Cap. 2 (João de Barros escreve também Cristovão de Brito).
- Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, éd. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Armada de Christovão de Brito, anno de 1514*, Cap. XLVI.
- Damião de Góis, *Crônica do Felicissimo Rei Dom Manuel*, 3a. Parte, Cap. 66 (Damião de Góis é o único que escreve Jorge de Brito por Cristovão de Brito).
- *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa (O autor deste manuscrito escreve também Cristovão de Brito).
- (27) . — Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, 3a. ed., por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, (Não encontramos referência a esta viagem no texto de Castanheda).
- João de Barros *Asia (Segunda Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, Lisboa, 1945 (Não encontramos referência a esta viagem no texto de João de Barros).
- Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, éd. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Lenda de Lopo Soares que do reyno veo por governador da Índia na soceção de Afonso d'Albuquerque, anno de 1515*, Cap. 1 (Gaspar Correia menciona 15 navios).
- Damião de Góis, *Crônica do Felicissimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, 3a. Parte, Cap. 77 (Damião de Góis menciona 13 navios, e dá o nome de Lopo Soares de Alvarenga no lugar do de Lopo Soares de Albergaria).
- *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa (O autor deste manuscrito menciona 15 navios, e dá nome de Lopo Soares de Albergaria).

- | | | |
|---------|---|---------------------|
| — 1516: | Viagem à Índia de João da Silveira (partida de Lisboa no mês de março) | 6 (28) |
| — 1517: | Viagem à Índia de Antônio Saldanha e Tristão de Menezes (Não sabemos a data da partida de Lisboa) | 7 (29) |
| — 1518: | Viagem à Índia de Diogo Lopes de Sequeira (partida de Lisboa em 27 de março) | 10 ou 12 (30) |
| — 1519: | Viagem à Índia de Jorge de Albuquerque (partida de Lisboa no mês de abril) | 16 ou 17 ou 18 (31) |
- (28). — Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, 3a. ed., por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, (Não encontramos referência a esta viagem no texto de Castanheda).
- João de Barros *Asia (Segunda Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, Lisboa, 1945 (Não encontramos referência a esta viagem no texto de João de Barros).
- Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, éd. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Armada de João da Silveira, que partio do reyno o anno de 1516*, Cap. VI.
- Damião de Góis, *Crônica do Felicíssimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, (Não encontramos referência a esta viagem no texto de Damião de Góis).
- *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa.
- (29). — Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, 3a. ed., por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, (Não encontramos referência a esta viagem no texto de Castanheda).
- João de Barros *Asia (Segunda Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, (Não encontramos referência a esta viagem no texto de João de Barros).
- Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, éd. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Armada de António de Saldanha, anno de 1517*, Cap. XIV.
- Damião de Góis, *Crônica do Felicíssimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, (Não encontramos referência a esta viagem no texto de Damião de Góis).
- *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa.
- (30). — Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, 3a. ed., por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, L. IV, Cap. 44 (Castanheda fala de 12 navios).
- João de Barros *Asia (Segunda Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, Lisboa, 1945 (Não encontramos referência a esta viagem no texto de João de Barros).
- Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, éd. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Lenda do quarto governador da Índia Diogo Lopes de Sequeira, que do reyno partio o anno de 1518*, Cap. I.
- Damião de Góis, *Crônica do Felicíssimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, 4a. Parte, Cap. 31 (Damião de Góis fala de 10 navios).
- *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa (O autor deste manuscrito menciona 12 navios).
- (31). — Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, 3a. ed., por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, L. V, Cap. 15 (Castanheda fala de 17 navios).
- João de Barros *Asia (Segunda Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, Lisboa, 1945 (Não encontramos referência a esta viagem no texto de João de Barros).
- Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, éd. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Armada de capitães, que do reyno partirão, anno de 1519*, Cap. IV.

- 1520: Viagem à Índia de Jorge de Brito
(Não sabemos a data da partida de Lisboa) 10 (32)
- 1521: Viagem à Índia de Dom Duarte de Menezes (partida de Lisboa em 5 de abril) 11 ou 15 (33)

Como acabamos de ver, nas 23 frotas que foram à Índia no reinado de D. Manuel, com uma só exceção, não existiram as *grandes armadas de vinte e cinco e trinta naos grossas, e às vèzes mais e menos*, como escreveu Duarte Pacheco. As maiores foram: a da segunda viagem de Vasco da Gama, em 1502, com 20 navios (contando os 5 que partiram de Lisboa mais de um mês e meio depois sob o comando de Estêvão da Gama), e a da viagem de Francisco de Almeida, em 1505, com 20, ou 22, ou 23 navios — mesmo 26, ou 28, ou 31 se lhes juntarmos os 6 ou 8 navios que partiram de Lisboa também mais de um mês e meio depois, sob o comando de Pero da Naia. Podemos pensar que Duarte Pacheco Pereira arredondou os números: 25 ou 30, em vez de 26, 28, ou 31. Mas ainda que admitamos que êle tenha arredondado os números, assim mesmo somos levados a pensar que êle exagerou o número de navios. As primeiras frotas às quais êle faz alusão são certamente a de 1497 com sòmente

-
- Damião de Gois, *Crônica do Felicissimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, 4a. Parte, Cap. 36 (Damião de Gois fala de 16 navios).
 - *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa (O autor dèste manuscrito menciona 18 navios).
 - (32) — Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portuguezes*, 3a. ed., por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, (Não encontrámos referência a esta viagem no texto de Castanheda).
 - João de Barros *Asia (Segunda Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, Lisboa, 1945 (Não encontrámos referência a esta viagem no texto de João de Barros).
 - Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, éd. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Armada do anno de 1520*, Cap. XII.
 - Damião de Gois, *Crônica do Felicissimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, (Não encontrámos referência a esta viagem no texto de Damião de Gois).
 - *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa (O autor dèste manuscrito fala de 10 navios).
 - (33) — Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portuguezes*, 3a. ed., por Pedro de Azevedo, Coimbra, 1924, L. V, Cap. 69 (Castanheda fala de 15 navios).
 - João de Barros *Asia (Segunda Década)*, 6a. ed., por Hernâni Cidade, Lisboa, 1945 (Não encontrámos referência a esta viagem no texto de João de Barros).
 - Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, éd. de Rodrigo José de Lima Felner, Lisboa, 1858, *Lenda do quinto governador d'estas partes da Índia, Dom Duarte de Meneses, filho do conde priol mordomo môr d'elrey, que do reyno partio o anno de 1518*, Cap. I.
 - Damião de Gois, *Crônica do Felicissimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, 4a. Parte, Cap. 65 (Damião de Gois fala de 15 navios).
 - *Livro das Armadas*, manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa (O autor do manuscrito menciona 11 navios).

4 navios, a de 1500 com 13, e a de 1501 novamente com 4. A referência a frotas de 25 e 30 *naos grossas, e às vêzes mais e menos, segundo a ordem do tempo e necessidade dêle o requer*, não pode deixar de ter relação com a frota de Francisco de Albuquerque, de 1505, com 26, 28, ou 31 navios, tendo em conta a parte da frota comandada por Pero da Naia. Se era nesta que Duarte Pacheco pensava quando redigia êste passo do *Esmeraldo* e falava em 25 e 30 navios, seremos levados a pensar que êle redigiu êste passo da sua obra depois do dia 18 de maio de 1505, data de partida de Lisboa da parte da frota comandada por Pero da Naia. Por outro lado sabemos que nesta data Duarte Pacheco estava no caminho de volta da Índia. A redação dêste passo teria assim que ser posterior à sua chegada a Lisboa, e não poderia mesmo situar-se senão após 1506, pois o Capítulo 19º do Livro I é, como vimos, já posterior a esta data. Desta maneira, o Capítulo 3º do Livro IV teria sido redigido em 1507 ou 1508? Somos levados a admiti-lo, pois se Pacheco se refere à viagem de 1505, êste passo não poderá ser-lhe de muito posterior porque a partir dessa data o número de navios das frotas para a Índia diminuirá e nunca mais atingirá os 20 navios.

Examinemos agora o segundo passo do Capítulo 3º do Livro IV, sôbre o qual chamámos a atenção, e que nos fala das 5 fortalezas que D. Manuel tinha feito construir na Índia.

Damião de Gois na sua *Crônica de D. Manuel* (34) estabeleceu uma lista de tôdas as fortalezas que foram construídas na Índia durante o reinado de D. Manuel. Menciona 17 fortalezas. Trata-se agora — admitindo, desta vez, que os números dados por Pacheco são exatos —, de estabelecer a lista cronológica das 6 ou 7 primeiras fortalezas, sabendo nós que o autor do *Esmeraldo* faz alusão a 5 que D. Manuel teria já mandado construir quando êle escrevia êste passo. A primeira foi a de Cochim, na margem do rio, começada em 27 de setembro de 1503 (35). As quatro seguintes foram tôdas cons-

(34). — Damião de Gois, *Crônica do Felicíssimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955. Na 4a. Parte, Capítulo 85, lemos: "Mandou na índia fazer has fortalezas seguintes .s. em Cochi duas, hua no sertã sobelo rio, E ha outra na çidade, & ha de Cananor, Coulam, Qulloa, Çofala, Moçâbique, Anchediua, Çacotora, Ormuz, Gea, com todolos castellos que na ilha ha, & ha de Paçem, Pedir, Calecut, Chaul, Zeiland, Malaca: & nas ilhas de Maluco mádou fazer ha de Ternate, que se fez depois de seu falecimento. Nas quaes fortalezas assi nas Dafrica, quomo da India mandou edificar Egrejas....".

— Êste passo foi citado por Jaime Cortesão (*Influência dos Descobrimentos dos Portuguezes na História da Civilização*, in *História de Portugal* dirigida por Damião Peres, Barcelos, Vol. IV, 1937, p. 228) a propósito do mesmo assunto.

(35). — Damião de Gois, *Crônica do Felicíssimo Rei Dom Manuel*, Coimbra, 1955, 1a. Parte, Cap. 78. — Para saber a cronologia das fortalezas construídas na Índia no reinado de D. Manuel, servimo-nos de Damião de Gois de pre-

truidas durante o ano de 1505: a segunda, a de Quíloa, começada por meados do ano (36); a terceira, a de Anchediva, começada muito provavelmente entre meados do ano e o mês de setembro (37); a quarta, Çofala, começada em 21 de setembro (38); e a quinta, Cananor, começada a construir em 23 de outubro (39). Durante o ano de 1506 a fortaleza de Anchediva foi destruída (40), mas logo em 1507, no dia 10 de agosto, foi tomada e reconstruída a fortaleza de Çacotorá (41). Em consequência, ainda que tenham sido construídas, até esta data, 6 fortalezas, a verdade é que não existiam senão 5, pelo fato de ter sido destruída a de Anchediva. A sexta, a de Ormuz, foi começada em 24 de outubro de 1507 (42), e a sétima, a de Moçambique, estava pronta até *ao sobrado* por meados de agosto de 1508 (43).

No passo citado, do Capítulo 3º do Livro IV do *Esmeraldo*, Duarte Pacheco Pereira fala-nos de 5 fortalezas com as suas sagradas casas de oração que D. Manuel tinha mandado construir. Segundo a cronologia que acabámos de estabelecer para as 7 ou 8 primeiras fortalezas, podemos admitir duas hipóteses. De acôrdo com a primeira, partindo do fato que a quinta fortaleza é a de Cananor, cuja construção, compreendida em 23 de outubro de 1505, deve provavelmente ter terminado o mais tardar pelos começos de 1506, Duarte Pacheco Pereira teria escrito o Capítulo 3º do Livro IV durante o ano de 1506. Hipótese, afinal, inaceitável, pois como já vimos, o Capítulo 19º do Livro I foi já escrito depois de 1506. De acôrdo com a segunda hipótese, quando Duarte Pacheco Pereira nos fala das 5 fortalezas fá-lo depois da destruição da fortaleza de Anchediva em 1506 e a construção da fortaleza de Çacotorá, acabada em 10 de agosto de 1507. Seis fortalezas tinham sido construídas até esta data, não nos restam nenhuma dúvida, mas das seis restavam apenas cinco. Em consequência, quando Duarte Pacheco Pereira menciona 5 fortalezas, êle conta, certamente, entre elas com a de Çacotorá. Sabemos que Tristão da Cunha chega a Çacotorá em abril de 1507 e que dali parte em 10 de agosto do mesmo ano. Ora a fortaleza, nesta data, já tinha sido tomada e mesmo reconstruída. Agora,

ferência a Fernão Lopes de Castanheda, ou João de Barros, ou Gaspar Correia, porque é na obra de Damião de Gois que o número de fortalezas e as suas datas de fundação são dadas com mais precisão e clareza.

- (36). — *Ibidem*, 2a. Parte, Cap. 2.
(37). — *Ibidem*, 2a. Parte, Cap. 12.
(38). — *Ibidem*, 2a. Parte, Cap. 9.
(39). — *Ibidem*, 2a. Parte, Cap. 7.
(40). — *Ibidem*, 2a. Parte, Cap. 12.
(41). — *Ibidem*, 2a. Parte, Cap. 23.
(42). — *Ibidem*, 2a. Parte, Cap. 34.
(43). — *Ibidem*, 2a. Parte, Cap. 14.

se tomarmos em conta o tempo necessário para que a notícia chegasse ao reino e ao conhecimento de Duarte Pacheco Pereira, podemos afirmar, sem dúvida, que êle não teria podido incluir esta fortaleza entre as 5 de que dá conta, antes dos primeiros meses de 1508, na melhor das hipóteses. Além desta fortaleza, uma outra pode também servir-nos de ponto de referência: a de Ormuz. Se Duarte Pacheco a tivésse contado entre as fortalezas que êle menciona, teria indicado 6, em lugar de 5. A fortaleza de Ormuz foi começada em 24 de outubro de 1507; em consequência, mesmo se admitirmos que Pacheco não menciona senão as datas do comêço da construção das fortalezas, é-nos necessário, entretanto, entrar pelo ano de 1508, tendo em conta o atrazo das notícias provenientes da Índia. Assim, a redação do *Esmeraldo* na sua parte final, deve situar-se entre a chegada a Lisboa da notícia da fundação da fortaleza de Çacotorá e da fundação da fortaleza de Ormuz. Em consequência, tendo em conta as datas mencionadas e o tempo necessário para que a notícia dêstes acontecimentos tenha chegado a Duarte Pacheco Pereira, parece-nos poder afirmar que o texto do *Esmeraldo* deve ter sido interrompido súbitamente, no comêço do Capítulo 6º do Livro IV, já durante o ano de 1508. Por outro lado, sabemos através de dados seguros da sua biografia que Duarte Pacheco Pereira foi encarregado no fim do ano de 1508 do comando de uma frota que navegou à caça do corsário francês Mondragon, caça que deu lugar, em 18 de janeiro de 1509, a uma batalha naval ao largo do Cabo de Finisterra.

Resumamos, finalmente, o que diz respeito às datas de redação das diferentes partes do texto do *Esmeraldo de situ orbis*. Duarte Pacheco Pereira começou a redação em 1505, após a sua chegada a Lisboa, da Índia, no mês de junho ou julho; nos quatro ou cinco últimos meses de 1505 escreve os primeiros 16 Capítulos do Livro I; os Capítulos 17º e 18º do Livro I, ou foram escritos com os precedentes, até ao final de 1505, ou foram escritos em 1506, ou ainda, em 1507, como é o caso do Capítulo 19º; finalmente, Duarte Pacheco Pereira escreve a parte que se estende do Capítulo 19º do Livro I ao Capítulo 6º do Livro IV, onde o texto se interrompe inacabado, durante todo o ano de 1507 e ainda durante alguns meses de 1508.

Em conclusão: podemos afirmar, parece-nos, que o *Esmeraldo de situ orbis* foi escrito entre 1505 e 1508.